

## **O uso de conceitos na construção de uma tese: a desmontagem e suas operações**

The use of concepts in the construction of a thesis: dismantling and its operations

El uso de los conceptos en la construcción de una tesis: el desmontaje y sus operaciones

**Carolina Seibel Chassot**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

**Camila Backes dos Santos**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

**Luciana Rodriguez Barone**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

**Oriana Holsbach Hadler**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

---

### **Resumo**

Neste artigo apresentamos uma discussão sobre a utilização de conceitos na construção de uma tese. Argumentamos a respeito da necessidade de entrar em contato com aquilo que não se faz tão evidente no processo do pensamento e, para tanto, afirmamos a necessidade de problematizar os conceitos numa operação que chamamos de desmontagem. Elencamos então algumas operações envolvidas nesse processo, inspiradas por Deleuze e Guattari, tomando como ponto de partida os conceitos como contingentes e construídos, situando-os no plano de imanência, historicizando-os e articulando-os com o campo problemático em que se constroem. Afirmamos, assim, o caráter criativo da construção de uma tese, na qual desmontar torna-se também remontar conceitos, dando consistência ao processo de produção de conhecimento.

**Palavras-chave:** Conceito. Pesquisa. Problema. Produção de Conhecimento.

### **Abstract**

This article presents a discussion on the use of concepts in the construction of a thesis. It is argued about the need to get in contact with what is not so evident in the process of thought, and for that it is affirmed the need to discuss the concepts, in what we call an operation of dismantling. Some of the operations involved in this process are presented, inspired by

Deleuze and Guattari, taking the concepts as contingent and constructed, placing them on the plane of immanence, historicizing them and linking them to the problematic field in which they are built. In this sense, the creative character of the construction of a thesis is affirmed, in which the dismantling process also becomes a procedure of reassembling concepts, giving consistency to the process of thought.

**Keywords:** Concept; Research; Problem; Production of knowledge.

### **Resumen**

En este artículo, presentamos un debate sobre el uso de los conceptos en la construcción de una tesis. Se argumenta sobre la necesidad de estar en contacto con lo que no es tan evidente en el proceso de pensamiento y, por lo tanto, afirmamos la necesidad de problematizar los conceptos en una operación que llamamos desmontaje. De este modo, enumeramos algunas operaciones de ese proceso, inspiradas por Deleuze y Guattari, tomando como punto de partida los conceptos como contingentes y construidos, colocándolos en el plano de inmanencia, historiándolos y vinculándolos con el campo problemático en que se construyen. Por lo tanto, afirmamos el carácter creativo de la construcción de una tesis, donde el desmontaje también se convierte en una reconstrucción de los conceptos, dando consistencia al proceso de producción de conocimiento.

**Palabras clave:** Concepto; Investigación; Problema; Producción de conocimiento.

---

### **Introdução**

Neste artigo apresentamos uma discussão sobre a utilização de conceitos na construção de uma tese. Partimos de algumas problematizações, realizadas juntamente com os colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, sobre a relação entre pesquisador, problema e conceito, para argumentar que o trabalho conceitual a ser desenvolvido em uma tese não se aparenta ao “dissertar” sobre um tema. Mais que mapear a bibliografia,

escolher determinadas definições conceituais, explicitar pressupostos ou filiar-se a determinados autores ou linhas teóricas, o trabalho conceitual da tese envolve entrar em contato com os conceitos em toda sua extensão, inclusive com aquilo que não se encontra evidente, buscando também se constituir como processo de criação e reconstrução a partir desse percurso. Para isso, devemos suspeitar da unidade dos conceitos evitando sua transposição direta e a dita “aplicação”, sem tomá-los como

verdades, realizando uma operação de “desmontagem”.

Como alguém que desenrola um novelo e descobre que ele é muito mais longo do que aparentava, os conceitos que utilizamos carregam em si uma série de componentes, relações, sentidos e efeitos que, muitas vezes, não se exibem à primeira vista. Acreditamos que é somente com esse fio desenrolado, com o conceito aberto, estendido e desmontado é que poderemos tecer uma consistência teórica para nossas teses e, assim, dar contornos para nossos campos problemáticos.

Nas próximas páginas tentaremos nos aproximar desta questão em três tempos. Primeiramente, sentimos a necessidade de justificar o nosso ponto de partida: Para que, afinal, problematizar o uso de conceitos? Em seguida, tentaremos elencar algumas das operações que estão envolvidas naquilo que propomos como uma “desmontagem” do conceito e verificar que efeitos de visibilidade essas operações podem produzir. A partir disso, propomos algumas ferramentas de desmontagem que podem ser interessantes na construção da tese e na articulação entre conceitos e problema.

### **Desmontar o conceito: Por que é preciso?**

Quando tomamos um determinado

conceito, conforme proposto por um autor, e escolhemos utilizá-lo em nossos trabalhos acadêmicos, estamos fazendo uma operação legitimada cientificamente. Colocamo-nos “sobre os ombros de gigantes”, para usar a célebre frase de Newton. Acreditamos nos encontrar no ponto exato onde o conhecimento acaba, na fronteira entre o que já foi pesquisado e aceito por nossos pares como verdade, e as questões que ainda restam ser respondidas ou, talvez, aquelas ainda não formuladas. Dito em outras palavras, tomamos o conceito enquanto evidência de uma verdade sobre o objeto, e usamos essa verdade como uma ferramenta para continuarmos descobrindo outras verdades.

Há, no entanto, outras formas de compreender o conceito que gostaríamos de abordar aqui. Deleuze e Guattari (2000), em *O que é a filosofia?*, nos propõem pensar o conceito não apenas como aquilo que explica o objeto, mas também como algo que precisa ser explicado, pensado, conhecido. Ao dizerem isso, estão afirmando que os conceitos carregam em si uma série de relações internas e externas que não refletem apenas a natureza do seu objeto, mas também dizem da forma como foram construídos por seus autores, relançando-nos ao universo da produção do próprio pensamento.

A maneira como o homem pensa, afirma Foucault (2006a), está tão ligada

com a sociedade, a política, a economia e a história quanto com categorias gerais, olhares universais, estruturas formais. As relações sociais, inevitavelmente, afetam a forma como somos capazes de pensar<sup>1</sup>, os problemas que somos capazes de colocar, as formas como procuramos responder a esses problemas e as respostas que aceitamos como verdades.

Nosso ponto de partida, portanto, é compreender que os conceitos são sempre contingentes e construídos. Certamente eles se apresentam mais ou menos estabilizados no ambiente acadêmico, a partir de uma série de discussões e consensos que vão sendo estabelecidos, assim como movimentos de desterritorialização e reterritorialização que os sobrepõem, alternam e recriam. Não há nada de errado com a estabilização em si – não podemos viver sem esses objetos estabilizados. O problema é quando a estabilização chega a tal ponto que o conceito se apresenta como incriado, enquanto dado natural, evidência, impossibilita a movimentação do pensamento. Se tomamos os conceitos nessa forma naturalizada e nos propormos a simplesmente “aplicá-los” em nossas teses, estamos aceitando – e provavelmente reproduzindo – tudo aquilo que vem agarrado ao conceito, sem nos darmos ao trabalho de examinar de que se trata essa bagagem.

Quando a operação de criação de conceitos é invisibilizada – assim como os tensionamentos e forças que operam em sua formação passada e presente –, os conceitos transformam-se em verdades estéreis, pois perdemos a perspectiva de sua historicidade. Deixamos de ver quais os problemas que levaram à criação daquele conceito, como esses problemas se inseriram dentro do jogo das relações sociais de sua época, assim como quais arranjos singulares o compuseram e ainda se agenciam. O processo de criação dos conceitos, portanto, é inseparável das relações de poder e resistência que ele estabelece com seus objetos, sejam estes homens ou coisas. A naturalização é perigosa, porque, ao esconder a operação de criação dos conceitos, dá sustentação a processos históricos sem deixá-los evidentes. Dessa forma, reproduzimos juntamente com o conceito determinados efeitos, lugares atribuídos a sujeitos, modos de pensar, sem que sejamos capazes de ver o que estamos reproduzindo.

Foucault (2006a, p. 295) acreditava que seu papel enquanto intelectual consistia em “mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam; que elas tomam por verdade, por evidência alguns temas que foram fabricados em um momento particular da história; e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída”. Não temos necessariamente

essa pretensão em nossas teses, mas podemos exercitar nossa liberdade enquanto pesquisadoras, quando compreendemos quais elementos se articulam aos conceitos e a serviço de que estão operando. Assim, torna-se possível rearranjar esses elementos de modo que não apenas nos ajudem a recolocar um problema, mas afirmem determinada concepção ética e política que queremos sustentar na construção do conhecimento.

### **A desmontagem e suas operações**

Como, nesses termos, compreendemos o movimento de desmontar o conceito? O conceito, segundo Deleuze e Guattari (2000), não é uma totalidade, mas um todo fragmentário. É constituído por uma série de componentes que correspondem a um certo recorte do caos, de forma a borderar o conceito, configurando seu contorno irregular (e por isso se diz fragmentário). É próprio do conceito tornar seus componentes inseparáveis – embora sejam distintos e heterogêneos, sua inseparabilidade é que define sua consistência, tecendo uma rede de relações, significações ou modos de pensar o pensamento (e por isso se diz que é um todo). Para utilizarmos um conceito no sentido que estamos propondo, faz parte da operação de desmontagem conhecer e percorrer esses diferentes componentes do conceito e

tentar compreender como eles se articulam. Isto implica uma atenção a como essas amarrações são construídas pelo autor, que assim faz com que os componentes do conceito se afastem, se aproximem, se oponham ou coexistam em um determinado plano.

Nesse sentido, o conceito é sempre uma criação, e a seleção e articulação de seus componentes é uma das operações que fazem parte deste processo, através de relações de vizinhança, superposição, subtrações, dando-lhe sua consistência. Simultaneamente a esse processo de recorte e criação de uma rede de sentidos, a criação de um conceito erige um plano de imanência, ou uma espécie de solo de onde se extraem os elementos que compõem o conceito. Deleuze e Guattari nos dizem que os planos são como desertos povoados por conceitos, e os conceitos como tribos que por ele se deslocam, sem partilhar, entretanto, um território. O plano é assim pré-filosófico, movimento infinito, que recorta o caos<sup>2</sup> e se constitui como o único suporte dos conceitos (o campo dos conceitos seria propriamente filosófico). Tal recorte no caos não busca criar referências, ao contrário da produção científica que abre mão do infinito, pois se coloca como fora absoluto, como não pensado do pensamento. Com isso, apesar da impossibilidade de pensar o plano, devemos mostrar que ele está lá e perceber

que ele faz, simultaneamente à sua emergência, apelo à criação de conceitos. Nesse plano de imanência habitado por conceitos, cada conceito remete a outros, não apenas em sua história, mas nas conexões presentes. Vão, assim, ao infinito, em suas conexões no plano. Cada plano define e seleciona o que cabe ao pensamento, ou do que o pensamento vai se ocupar.

Os planos de diferentes filosofias podem ser radicalmente distintos. Silva (2004), por exemplo, nos alerta sobre a diferença entre o plano de imanência cartesiano e o plano de imanência deleuziano. O plano de imanência cartesiano é erigido de tal forma que pressupõe a capacidade natural do ato de pensar e tem como efeito transformar o pensamento em um ato privado, individual. Já o plano deleuziano produz uma imagem do pensamento radicalmente diferente, compreendendo o pensamento como algo que provém de um encontro, raro e violento, com um campo intensivo que é exterior ao indivíduo – que é impessoal. Somos forçados a pensar. Neste sentido, para utilizar um conceito, torna-se absolutamente necessário percorrer esse plano de imanência, conhecer os conceitos que o povoam e compreender qual imagem do pensamento é produzida a partir desse plano.

Isso não significa que, para utilizar um conceito, seja necessário compartilhar o plano de imanência presente na sua “origem”. Podemos, muitas vezes, sequestrar conceitos, deformá-los ao inseri-los em outro plano e torná-los articuláveis ao nosso problema. Mas, para roubá-los, precisamos primeiro conhecer sua morada e sua vizinhança, atentando para o campo onde o conceito se relaciona com outros conceitos. Assim, evitamos a simples reprodução de uma certa forma de fazer e nos propomos a nos confrontar com o modo como opera um autor, questionar como tal movimento pode vir a acontecer em nosso plano, e em relação à nossa própria forma de colocar um problema.

Situar o conceito em relação aos seus componentes e à sua emergência no plano, portanto, é uma das operações que fazem parte do processo de desmontagem do conceito, necessárias em nossa aposta para sua utilização na construção de uma tese. Desta forma, propomos tal desmontagem, inicialmente, a partir desses dois elementos que Deleuze e Guattari consideram essenciais na produção do pensamento: traçar um plano e criar conceitos.

Um aspecto essencial desse processo de criação está na colocação do problema. Identificar o problema que move a obra do autor é tarefa essencial para utilizar o conceito, pois este nada mais é que uma forma urgente e necessária de

traçar um plano sobre o caos, de forma a tornar possível a colocação de determinado problema. É ao problema que o conceito deve sua existência.

O problema, assim como o conceito, também é uma cuidadosa construção, pois a maneira como é colocado define se ele será um verdadeiro ou um falso problema. No sentido proposto por Bergson (1934/2006), um falso problema é um problema que asfixia o pensamento, levando-o a becos sem saída. Pode fazer o pesquisador cair em uma armadilha, pois este tem a ilusão de estar se aproximando de sua pergunta, quando, na verdade, está se afastando desta. Ocorre, em um exemplo dado por Bergson, quando pensamos hierarquicamente, em termos de mais ou menos – quando procuramos diferenças de grau e há apenas diferenças de natureza. Junto com Bergson, Deleuze e Guattari (2000) nos dizem que um problema bem colocado é um problema resolvido, no sentido que o problema não se mede pelas soluções que se apresentam, mas pela sua capacidade de fazer pensar.

Ao tomar o problema conforme proposto por Bergson, ele passa a ser o elemento central em nossa tarefa de desmanchar a aparente unidade do conceito e compreender sua contingência. O campo problemático é o que movimenta a criação do conceito, que tece as articulações entre seus componentes e

indica por onde o conceito deveria se mover no plano de imanência, ao mesmo tempo em que possibilita que este plano seja traçado. É nesta con-comitância de ações (traçar o plano, criar conceitos e colocar o problema) que o problema é bem colocado e torna-se produtor de pensamento, carregando a própria complexidade que o articula. Na tarefa de desmontar o conceito, o problema pode funcionar como uma espécie de crivo, guiando nossa leitura e atenção de forma a compreendermos conceitos e obra sempre em relação às questões que os tornaram necessários.

Deleuze (2006) afirmou que só pensamos raramente, e sempre a partir do encontro com algo que nos força a pensar. Isso leva-nos a mais uma operação desta tarefa de desmontagem, que envolve compreender este encontro, reconstruindo (e assim recriando) o contexto que tornou possível a criação do conceito daquela determinada forma.

A investigação das condições de possibilidade da criação de um conceito dizem respeito a uma diversidade de contextos que se sobrepõem, e que tomam maior ou menor relevância em cada caso particular. Envolve desde o ambiente intelectual e acadêmico, suas disputas, tendências, consensos, que levam à emergência de determinados campos problemáticos até as condições políticas,

econômicas, sociais, que constantemente confrontam e interrogam a produção acadêmica, exigindo novas explicações e teorizações, novos movimentos do pensamento. Traçar essas condições de possibilidade ajuda-nos a compreender a partir de quais visibilidades e dizibilidades determinado problema pôde ser formulado, tal plano ser erigido, tais componentes serem selecionados e tecidos em forma de conceito.

Mais ainda, viabiliza que possamos vislumbrar que efeitos de verdade são produzidos a partir dessas criações, como esses efeitos se atualizam em nosso presente e a que finalidades servem, enquanto novas verdades estabelecidas e estabilizadas. Sim, pois a criação de conceitos tem efeitos no mundo, e reproduzir determinados conceitos significa amplificar seus efeitos, fazê-los reverberar mais um pouco, mantê-los vivos. Se utilizamos conceitos, seja para sequestrá-los e deformá-los ou para reproduzi-los, devemos fazê-lo com a noção de sua carga invisível, aquela que se transmite tacitamente pela história.

Desmontar um conceito, portanto, envolve provocar o pensamento como uma máquina de guerra (Deleuze & Guattari, 1997), ou seja, confrontar-se com as operações realizadas no processo de criação do conceito: situá-lo no plano de imanência, pensando os elementos do

conceito e suas articulações; entender a qual problema ele remete, questionando a urgência histórica na qual uma problemática passa a ser pensada; desmembrar sua operacionalização, buscando compreender como ele opera e o que ele vem operar. A partir dessa série de operações, o conceito é desnaturalizado e recolocado em sua historicidade. Deste modo, não aceitamos sua pretensão de atemporalidade e reconhecemos sua contingência. Isto significa dizer que traçar as condições para que o problema seja pensado, elaborado, é encontrar aquilo que força a sua colocação de determinada forma – é reconstituir o encontro do pensamento com algo que o movimenta em determinada direção. Supõe um trabalho de cuidadosa elaboração: através da escolha de componentes, de sua articulação, da construção de um plano de imanência, o conceito vai ganhando sua consistência e dando novos contornos ao problema.

Todas essas operações estão como que condensadas em um conceito. Se elas aqui aparecem distintas e em série, é apenas como recurso para torná-las visíveis, mas elas não deixam de ser simultâneas e indissociáveis. A desmontagem que propomos consiste em dar visibilidade a esse trabalho de criação que, argumentamos, é tarefa essencial para podermos então utilizar os conceitos em nossas teses.



## **Possibilidades para a operação conceitual: O exercício da desmontagem**

Falamos até o momento sobre por que se torna necessário desmontar os conceitos que utilizamos em nossas teses, e quais operações estão envolvidas neste processo. Existem várias formas de realizar a desmontagem – diferentes orientações teóricas poderão levar ao uso de diferentes ferramentas na realização de uma mesma operação. Gostaríamos aqui, pela brevidade e por preferência teórica, de atentar para duas formas de fazer tal exercício.

A primeira delas retomamos de Deleuze e Guattari (2000), quando eles propõem o personagem conceitual como operador do conceito. O personagem conceitual, para os autores, coloca-se como condição de possibilidade do próprio pensamento. Para que plano de imanência e conceito se articulem, surge um terceiro elemento, o personagem conceitual, que dá vida e expressão ao pensamento. Os autores, ao colocarem em análise o *cogito* cartesiano e a filosofia grega, vão mostrando como esses personagens operam no pensamento, dando-lhe existência ao mesmo tempo em que surgem. Os autores identificam o personagem conceitual do *cogito* como o Idiota: o pensador privado, aquele que diz Eu, aquele que duvida de tudo, mas que tem certeza de que pensa e, portanto, existe. Já o personagem da

filosofia grega é o Amigo: aquele que não pretende possuir a sabedoria (como o sábio), mas que tem intimidade com ela, uma intimidade competente, como o marceneiro é amigo da madeira. Ao identificarem e nomearem esses personagens, Deleuze e Guattari estão dando visibilidade aos componentes do conceito, àquilo que eles inauguram em relação aos conceitos anteriores, ao plano de imanência que estão erigindo. Os autores estão demonstrando como opera o pensamento de Descartes e dos filósofos gregos, como esses personagens conceituais específicos tornam-se necessários para que seus respectivos problemas sejam colocados.

A invenção do personagem conceitual se dá ao mesmo tempo em que o conceito é criado e o plano é traçado, sendo o personagem aquele que articula esses três elementos na colocação de um problema. O personagem é expressão, pensamento vivo, pois encarna os conceitos, e é agente de enunciação que manifesta os territórios, desterritorializações e reterritorializações. Em seu processo de operar os movimentos no plano de imanência, atua como imagem do pensamento.

O exercício de problematização desses personagens pode ser uma forma sensível de percorrermos os caminhos do pensamento do autor, abrindo seus

conceitos. Nesse sentido, a filosofia torna possível que nós, não filósofas, possamos também operar com esses personagens conceituais no processo de produção do pensamento, percorrendo com eles os caminhos que fazem na construção dos conceitos que nos interessam. Assim, consideramos a problematização desses personagens conceituais como ferramenta útil para desmontar o conceito e desnaturalizar o pensamento, resgatando sua expressividade e sensibilidade.

Acompanhar esse percurso expressivo e movimentador do pensamento presente no personagem conceitual implica resgatar certa experimentação na construção da tese. Deleuze e Guattari (2000) trazem de Bergson o método da intuição, no qual o pesquisador se lança no plano de imanência: *tateia*, sente e se vê impelido a pensar e criar novas possibilidades de expressão para as articulações e conexões existentes no pensamento do autor, efetuando um novo recorte. Na medida em que afirmamos a não neutralidade do pensamento e a não naturalização do conceito, emerge também a condição de autoria que marca a construção de uma tese, potencializada pelo encontro com esses personagens que fazem viver os conceitos.

Outra forma possível de provocar o processo de desmontagem é a abordagem genealógica. Importante iniciar apontando

que o exercício genealógico não se constitui enquanto um método de desmontagem em si, mas uma ferramenta que possibilita historicizar o conceito, abrindo-o em suas condições de possibilidade, retirando seu *status* naturalizado. Foucault (2005, 2011), ao pensar genealógicamente, convida nossas análises a repousarem mais sobre uma atitude que sobre a construção de uma hipótese ideológica, provocando um deslocamento quanto à forma como criamos perguntas ao nosso objeto. Assim, as relações e jogos nos quais o problema está inserido são questionados não pelo interesse em “descobrir” o que o sujeito diz daquilo que é tomado por natural ou verdade, mas por perguntar-se sobre o que a verdade diz do sujeito<sup>3</sup>. Dito de outra forma, trata-se de colocar um movimento de não aceitabilidade no início do trabalho, sob a forma de questionamento acerca dos modos pelos quais certas condições de verdade são aceitas e produzidas, e como sustentam determinadas relações como imediatas, universais e evidentes. Dessa maneira, o conceito é inserido em sua singularidade histórica e em sua contingência, com suas fragilidades.

Ao partir de uma recusa de posturas essencialistas ou ideológicas, a perspectiva genealógica provoca o pensamento a desmontar a si próprio, tensionando as práticas que são determinantes

para sua existência. Somos convocados a olhar para os efeitos que determinadas compreensões sobre um objeto passam a ter nas experiências do sujeito e em suas relações. Nesse sentido, a genealogia pode ser vista como um retorno a uma forma de ciência mais atenta ou exata, pois retoma tanto o caráter local da crítica quanto a insurreição de saberes sujeitados. Isto significa dizer que ela busca a superfície dos acontecimentos, provocando uma produção que não reproduz um regime comum, mas convoca a rebelião de conteúdos históricos, uma vez enterrados em representações da realidade. Ao se aproximar desta atitude crítica, o ato de pesquisar acopla o conhecimento a memórias locais, tornando-o um saber histórico:

Trata-se, na verdade, de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguns. [...] É exatamente contra os efeitos de poder próprios de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar combate (Foucault, 2005, pp. 13-14).

Importante colocar que, apesar da alusão ao combate, esta proposta não surge como uma guerra entre formas corretas e

incorretas de construir o conhecimento, mas sim como um convite a analisar domínios de saberes vizinhos. Nesse convite, o caminho do pensamento percorre o princípio de “racionalidade-inovação” (Foucault, 2006b), pois, ao introduzir no conceito sua contingência histórica, ao pensar quais estratégias e instrumentos foram movimentados em sua constituição, ao questionar quais efeitos e procedimentos racionais passam a operar com o conceito, nossa forma de pensar é violentada. Racionalidade-inovação, desta forma, coloca em questão a própria relação entre o conceito e seu problema, sendo que o ponto central da desmontagem não é um ou outro, mas as condições de possibilidade que passam a amarrá-los intrinsecamente. Por este princípio, o autor-pesquisador não é alguém externo à escrita, um observador da pesquisa que “produz uma tese”, mas é aquele que interroga a constituição do seu próprio pensar, forçando o caminho do pensamento a entrar em combate consigo mesmo.

### **Considerações finais**

Propusemos, neste texto, que o trabalho de construção de uma tese envolve uma certa forma de operar com conceitos que não é, de maneira alguma, evidente. O uso e a apropriação de conceitos envolve um procedimento que

chamamos aqui de “desmontagem”, para ressaltar que o conceito não é uma unidade lógica, mas um todo fragmentário, cujos componentes não apenas se articulam entre si, mas remetem a uma série de elementos exteriores a ele, como o plano de imanência e o problema que força sua criação. Não apenas isso, mas o conceito tem sempre uma historicidade que precisa ser compreendida. Problemas se inserem em jogos de verdade, em relações sociais específicas, e produzem efeitos dentro destes jogos – rupturas, alianças, desvios.

Compreendemos essas operações de desmontagem do conceito como transversais a diversas formas de fazer pesquisa, embora tenhamos descrito alguns movimentos específicos sob os quais entendemos ser possível o exercício de desmontar conceitos – a problematização dos personagens conceituais e a abordagem genealógica. Sendo assim, este artigo incide menos como uma descrição de procedimentos que como uma afirmação de um modo de se colocar em relação à teoria, convocando o pesquisador a não estar completamente à vontade com aquilo que lhe parece evidente.

Se os conceitos nem sempre evidenciam seus processos de criação, estes precisam ser visibilizados, compreendidos e percorridos, para podermos utilizar os conceitos de forma que ressoem, façam sentido e ganhem consistência. O

reconhecimento deste ma-quinário conceitual torna possível operar com os conceitos em função dos problemas que nos movem, em um processo de autoria que se supõe necessário em uma tese de doutorado. Desmontar os conceitos pode, ainda, ajudar-nos a olhar de outra forma para o nosso próprio pensamento, evidenciando o que torna possível que nos façamos certas perguntas, o que movimenta nossa curiosidade. Ao deixar de tomar esses precursores ingenuamente, compreendendo como operam e o que produzem, poderemos reconfigurar nosso próprio campo problemático e quem sabe, produzir pesquisas com maior consistência.

Assim, desmontar conceitos abre a possibilidade de se instaurar um campo de criação do próprio pesquisador, pois exige também um processo de remontagem. Desenrolar este novelo, buscando evidenciar a historicidade do conceito e abrindo aquilo que este operacionaliza, é também um ato de criação, que consideramos central na produção de uma tese.

## Notas

<sup>1</sup> Reconhecer que o social tem influência importante na forma como pensamos e conhecemos o mundo não significa afirmar que o social determina o pensamento. Isso seria ir tão longe quanto sustentar que o

pensamento reflete diretamente o mundo, ou que acessa esse mundo através da ciência e seus conceitos.

<sup>2</sup> Segundo Deleuze e Guattari (2000), o caos não se caracteriza tanto pela ausência de determinações, mas pela velocidade infinita com a qual essas determinações se esboçam e se apagam. Não é inerte, é mistura ao acaso.

<sup>3</sup> Aqui a noção de verdade surge enquanto a busca por algo seguro e sólido em que se apoiam respaldos científicos e estratégias metodológicas, produzindo certezas, construindo saberes (Foucault, 2003). Ao colocar em análise os elementos que constituem uma verdade, torna-se possível abrir as tensões entre forças existentes no campo da pesquisa e da escrita. Assim, aproximamos este exercício analítico do movimento para abrir o conceito.

## Referências

- Bergson, H. (2006). *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1934).
- Deleuze, G. (2006) *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 5). São Paulo: Editora 34.
- \_\_\_\_\_. (2000). *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34.
- Foucault, M. (2003). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2006a). Verdade, poder e si mesmo. In: M. Foucault, *Ditos e escritos* (Vol. V, pp. 294-300). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (2006b). A poeira e a nuvem. In: M. Foucault, *Ditos e escritos* (Vol. IV, pp. 323-334). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (2011). *Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- Silva, R. N. (2004). A dobra deleuziana: políticas de subjetivação. *Rev. Dep. Psico UFF*, 16(1), 55-75.

---

**Carolina Seibel Chassot:** É psicóloga (UFRGS), especialista em Saúde da Família e Comunidade (Residência Integrada em Saúde do Grupo Hospitalar Conceição) e mestre em Políticas de Saúde e Bem-Estar Social (Universidade de Évora/École des Hautes Études en Sciences Sociales). Atualmente faz doutorado no PPGPSI/UFRGS pesquisando a organização coletiva de usuários de saúde mental.

**E-mail:** [carolchassot@gmail.com](mailto:carolchassot@gmail.com)

**Camila Backes dos Santos:** É psicóloga (UFRGS) e mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Atualmente é doutoranda pelo mesmo programa e membro do grupo de Pesquisa em Psicanálise, Clínica e Cultura.

**E-mail:** [amibackes@yahoo.com.br](mailto:amibackes@yahoo.com.br)

**Luciana Rodriguez Barone:** É psicóloga (UFRGS), trabalhadora do Grupo Hospitalar Conceição. Especialista e mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. Atualmente é doutoranda do mesmo programa, integrando o grupo de pesquisa Intervires em uma pesquisa em saúde mental na atenção básica do SUS.

**E-mail:** [lucianarbarone@gmail.com](mailto:lucianarbarone@gmail.com)

**Oriana Holsbach Hadler:** É psicóloga (UCPel), mestre em Psicologia Social (PUCRS), pós-graduada em Language and Contemporary Culture (Goldsmiths College – University of London). Atualmente é doutoranda do PPGPSI/UFRGS, integrando o Núcleo E-politcs – Estudos em Políticas e Tecnologias Contemporâneas de Subjetivação –, desenvolve pesquisas no campo das Políticas de Segurança e Juventude em Situação de Prisão.

**E-mail:** [orianahhadler@terra.com.br](mailto:orianahhadler@terra.com.br)

---

Enviado em: 11/09/2014 – Aceito em: 24/10/2014